

Paulo Monteiro, Grande Depoente de Canudos

José Dionísio Nóbrega¹

No dia de Santa Paula do ano de 1903, veio ao mundo, no Caipã dos seus genitores, uma criança que mais tarde se tornará um dos maiores depoentes de fatos ocorridos durante o império do Belo Monte. Muitos estudiosos de Canudos souberam colher e aproveitar os seus informes preciosos.

Paulo Monteiro Varjão era o seu nome completo. Duplamente “Monteiro”, já que os pais portavam o sangue dessa família, o grande informante da história canudense pendia mais para o lado dos, “Varjão” do pai Pedro Monteiro Varjão, embora amasse incondicional e loucamente a mãe Maria Monteiro de Macedo.

Quem se der ao trabalho de pesquisar a riqueza cultural dos “Varjão” de Bernardo Cardoso Varjão (tataravô de Paulo Monteiro), nascidos e criados entre Canché e Jeremoabo, mais pre-

cisamente nas terras do Tarraxil e da Icozeira, dos “Varjão” da fazenda São Francisco, próxima e logo depois da Várzea da Ema, pertencente a Vicente Ferreira Cardoso Varjão (irmão do Bernardo), e dos “Varjão” do São Bento (Uauá), descendentes de José Cirilo Cardoso Varjão (tataravô de Paulo Monteiro, também irmão do Bernardo), vai chegar à conclusão que o pai de Antônio(primogênito), Manoel, José, João, Albino, Moisés(caçula), Ana (Didi), Maria (Vadinha), Laudice, Rosália, Erotildes e Rosalice teria sido um grande professor de história, se crescido num meio um pouco mais desenvolvido ou se melhores oportunidades tivessem surgido, a exemplo de alguns parentes relativamente próximos.

Dos mais velhos dos “Varjão”, o mais glorificado foi o professor Ferreirinha (assinava-se Evaristo Cardoso Varjão), tanto que empresta o seu

¹ Escritor, pesquisador, genealogista.

nome a uma das escolas de Jeremoabo. A avó paterna de Paulo Monteiro, Joana Cardoso Varjão, esposa do famoso Quinquim do Coiqui, era sobrinha do professor Ferreirinha.

Horácio Cardoso Varjão, o mais bem aquinhado de recursos dos “Varjão” nascidos em Uauá, casado com a prima carnal Ana Felix (irmã de Ferreirinha), sogro de Quinquim do Coiqui, bisavô de Paulo Monteiro, teve um irmão coincidentemente chamado de Evaristo Cardoso Varjão, também mestre de educação primária, conhecido pela alcunha de Professor Pate. Este tio-bisavô de Paulo Monteiro, homônimo do outro tio-bisavô Ferreirinha, foi solicitado a se transferir para Chorrochó com o fim específico de ensinar as primeiras letras ao sobrinho Manoel Guilherme, filho de seu irmão Guilherme (tio-bisavô de Paulo Monteiro) e de Maria Canuta (tia-avó de D. Silviana, irmã do jagunço Deodato e da velha Guilhermina de Salustiano, tia do herói Estandislau da Macambira, sobrinha de Fabrício do Cocobocó).

Quem o teria contratado para ensinar em Chorrochó? Ninguém mais

que o bisavô de D. Silviana (Manoel Real de Santana), pai de Maria Canuta que foi a primeira esposa de Guilherme Cardoso Varjão. Concluída a sua tarefa na terra dos Pacheco de Menezes, Professor Pate não demorou a se fixar por toda a vida nos torrões do Curaçá, aí deixando vasta descendência.

Outro notável exemplo para Paulo Monteiro foi o professor Arnóbio Varjão que terminou levando ao altar uma parente de nome Heráclita, irmã do grande saxofonista Cazuza Varjão, de Chico de Justina e de D. Emiliana (Sinhazinha de Sargento Bonfim, mãe do jornalista Eliezer Varjão).

Casando-se aos 28 anos com D. Silviana, Paulo Monteiro entrou na família de D. Rita Joaquina de São José, conhecida, até falecer na década de 1860, por D. Bela Joaquina (ou Bela Jardim), que deixou vários filhos, dentre os quais o velho conselheiro Fabrício Mamede da Silva, imortalizado nas páginas de Os Sertões como Fabrício de Cocobocó, e D. Theodora Francisca, esposa de Manoel Real de Santana. Este senhor talvez não tenha alcançado a figura de Antônio Conselheiro,

mas
Nico
frera
rores
Zé N
de F
Canu
Guill
simo
tand
Ferre
e pai
de A
noel)
cianc
de D.
Quin
disco
poim
que o

pé fo
Majo
Coiqu
dele
habit
onde
da Ci
de Pe

mas quatro dos filhos – Florêncio, Zé Nicolau, Guilhermina e Deodato – sofreram direta ou indiretamente os horrores da guerra sertaneja. Florêncio e Zé Nicolau, como genros e sobrinhos de Fabilício do Cocobocó, morto em Canudos pelas forças de Artur Oscar; Guilhermina, como mãe do jaguncíssimo e grande herói de Canudos – Estandislau da Macambira; e Deodato Ferreira Campos, como conselheirista e pai de membros da Guarda Católica de Antônio Conselheiro: Guinô (Manoel), Santinho (Possidônio) e Deocleciano. Sobre a velha Guilhermina (avó de D. Silviana) e Deodato (cunhado de Quinquim do Coiqui) Paulo Monteiro discorria com desembaraço, dando depoimentos inéditos aos pesquisadores que o procuravam.

Paulo Monteiro Varjão tem um pé fortemente fincado no Cumbe do Major Antonino. Embora nascidos no Coiqui próximo de Canudos, os pais dele descendem dos “Monteiro” que habitaram o antigo Sítio do Gameleiro, onde hoje se situa a cidade de Euclides da Cunha. Não há notícia do trisavô de Paulo Monteiro – Luís Fagundes

A. Cruz Monteiro – ter se debandado para o então Coiqui de Zé Pires. Mas talvez por amizade a este proprietário (fundador da Carnaíba, hoje povoado de Euclides da Cunha, também conhecido por Carnaíba do Pires), Luís Fagundes pode ter influenciado o filho Luciano Monteiro a morar no Coiqui que como fazenda era muito mais produtiva do que a de Canudos.

Casado com Joana Alves da Luz (ou Joana Baptista de Jesus), o bisavô de Paulo Monteiro - Luciano Fagundes da Cruz Monteiro – deitará raízes profundas no Coiqui de Zé Pires alguns anos após ter arrendado à Casa da Torre, a exemplo do pai, o Sítio Beira da Serra que extremava com as antigas fazendas Piedade, Várzea (depois Várzea do Anacleto), Quixabeira Grande, Fazendinha (na Malhada da Pedra), Gonçalo e Boa Vista.

O Coiqui, que se dividia com o Atalho e Canudos no lugar denominado Passagem do Caxaqui, e com a Pastos dos Bois, ficara por dezenas de anos sob o domínio dos Pires da Fonseca, mas os serviços de administração e vaqueirice certamente estiveram a

cargo do bisavô de Paulo Monteiro e de sua numerosa prole liderada por Quinquim do Coiqui (Joaquim Lourenço Monteiro).

No final da década de 1850, tomava conta da Serra Vermelha, fazenda vizinha à de Cocorobó, então pertencente a um genro de Zé Pires, um senhor de nome Ladislau Fagundes da Cruz Monteiro, irmão de Quinquim do Coiqui. Noventa e poucos anos depois, esta fazenda, que fica um pouco abaixo da atual cidade de Canudos, pertencerá a um bisneto de Zé Pires (Apromiano Alves de Campos). E o seu vaqueiro neste início da década de 1950? O grande contador de histórias dos cangaceiros de Lampião e dos jagunços de Antônio Conselheiro – Paulo Monteiro Varjão – neto de Quinquim do Coiqui.

Dizia Paulo Monteiro que, dos filhos de Luciano, Quinquim foi o que mais angariou recursos, o que mais cresceu nos negócios de compra e venda de boiadas, a ponto de não dispor de tempo para abraçar a causa conselheirista, tornar-se crente abnegado ou alcançar vitória sobre as tropas de

Pires Ferreira, como disse Euclides no majestoso Os Sertões. Para o esposo de D. Silviana, o seu avô estava a negócio no povoado de Uauá, exatamente às vésperas da batalha entre jagunços e expedicionários. Antevendo o encontro, Quinquim tentou salvar os uauenses, que não tinham nada a ver com a briga dos outros, avisando-lhes que o povo de Conselheiro se aproximava de Uauá. Quinquim talvez não soubesse que no meio daquela procissão de gente de Canudos se encontrava o primeiro marido de sua sobrinha e futura nora Maria Monteiro, que será uma das vítimas fatais do ataque das tropas da 1ª expedição.

Nome frequentemente citado por Paulo Monteiro foi o de sua avó materna, Salustiana Andreza de Macedo, irmã de Quinquim do Coiqui, esposa de Antônio Jardim de Macedo, da qual nasceram Macário, Maria (mãe de Paulo Monteiro), Maria Balbina (esposa de José Cardoso César, do Rosário, mãe de D. Loló de Seo Arquias), Luciano e Adão (genro de Deodato e de sua tia Maria Andreza, pai de Herculano).

Monte
de qua
torrão
da São
Alves
ro Elp
Urânia
genro
a mort
Monte
triarca
Moisés

A
seu nas
cluía n
depoer
longa v
ouvind
soas qu
parte
No iníc
trabalh
teiro fe
Lampião
dada p
car um
Tudo is
denúnc

A vida de trabalho de Paulo Monteiro começou cedo. Com menos de quatro anos, viu os pais deixarem o torrão natal para morarem na fazenda São Francisco (Formosa) de Pedro Alves da Silva e Souza, tio do primeiro Elpídio da Pastos dos Bois, de D. Urânia de Brasilino Canário, além de genro do velho Ângelo dos Reis. Com a morte do pai, o ainda menor Paulo Monteiro “teve de assumir o papel patriarcal”, como bem disse o filho caçula Moisés Varjão.

A começar do Caipã, lugar de seu nascimento, que no passado se incluía nos limites do Coiqui, o grande depoente da Guerra de Canudos viveu longa vida pisando torrões históricos, ouvindo e tendo contactos com pessoas que presenciaram ou que fizeram parte do movimento conselheirista. No início de 1932, época em que ainda trabalhava na Formosa, Paulo Monteiro foi vítima, não de cangaceiros de Lampião, mas de uma volante comandada por Douradinho que, ao lhe aplicar uma surra, o deixou quase morto. Tudo isso aconteceu por causa de uma denúncia de um senhor apelidado de

Canário, a qual o acusava de coiteiro de Lampião, justamente no período em que os cangaceiros invadiram e queimaram as fazendas do Coronel Petro. O denunciante tinha raízes nas terras que margeiam o riacho da Umburana, um dos principais afluentes do Vaza-Barris.

Para o filho Manoel Varjão, quem mais ajudou Paulo Monteiro na recuperação de sua saúde, seriamente abalada pelo espancamento sofrido, foi D. Silviana que chegou a pedir socorro ao pai Né de Pepedo, profundo conhecedor de ervas medicinais. Graças ao apelo da esposa, terminou Paulo Monteiro aceitando, por cerca de três meses, ser um simples vaqueiro de bode na fazenda Junco, próxima de Canudos, de propriedade do grande líder canudense Isaías Ferreira Canário. Daí saiu (1937) para o Saco Comprido de D. Elvira de Paulo Fontes (sobrinha do Barão de Jeremoabo), onde se sentiu feliz por muitos anos como administrador e vaqueiro, a ponto de considerar a sua longa permanência nesta fazenda como um prêmio ou um verdadeiro presente de aniversário. Na

Serra Vermelha de Apromiano, em que não passou mais de três anos, se despediu da vaqueirice. Em 1955, decidiu morar por conta própria na Baixa da Toca, lugar onde sete anos depois nascerá o último dos filhos. Manoel Varjão informa ainda que o pai Paulo Monteiro viveu, até o fim de seus dias, na fazenda Caldeirão recebida de herança.

O sogro de Terezinha Cardoso Rodrigues Varjão (Terezinha de Moisés) cultivava o hábito de não se queixar das adversidades. O seu grande protetor era Deus, Nosso Senhor. Para Paulo Monteiro, quem chamasse por Ele, por Ele seria favorecido. A sua fé no Criador superava qualquer dificuldade. Na época de seca ou de pouca chuva, costumava abastecer-se das águas da fazenda Baixas de Né de Pepedo. O seu caçulinha tem certeza que foi esse pegar de água de Paulo Monteiro que ocasionou os primeiros contactos com D. Silviana, tanto que em 28 de julho de 1931 foi levada ao altar da igreja de Monte Santo para a celebração do casamento. Graças a “esses períodos de longa estiagem” é que Paulo Monteiro

se tornou um dos sertanejos mais “ricos” da região pelos bons filhos que a neta do Pepedo da Canabrava lhe deu.

As grandes figuras que entrevistaram Paulo Monteiro saíram conscientes de seu manancial de conhecimento a respeito dos casos tristes do cangaço, da passagem dos revoltosos pela região em 1926 e do fenômeno Canudos que abalou a república. A riqueza de detalhes de seus casos convencia qualquer um. Na maioria das vezes que o entrevistei, acompanhava-me ora João de Rege ora Dandá. Na “venda” de Zé de Regis, as conversas aconteciam invariavelmente regadas a conhaque. Ninguém contava com tanta graça a fuga do Capitão Jagunço (Jesusino Correia Lima) do território do Belo Monte.

Paulo Monteiro se despediu da vida em 9 de maio de 2002, mas continua vivo na mente e no coração dos que o conheceram.